



Corpo torturado e o trauma do sobrevivente em *Os bêbados e os sonâmbulos* de Bernardo Carvalho

Analice de Sousa Gomes

SEDUC – Secretaria de Estado da Educação, Goiás, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1920-1294>

E-mail: prof.analicegomes@gmail.com

Renata Rocha Ribeiro

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1714-3182>

E-mail: renatarribeiro@ufg.br

RESUMO

Neste texto, propõe-se uma reflexão acerca da constituição das personagens do romance *Os bêbados e os sonâmbulos*, do autor Bernardo Carvalho, no que diz respeito à relação do contexto da ditadura militar no Brasil e os eventos traumáticos que envolvem esse cenário sócio-histórico com as vivências dos sujeitos representados ficcionalmente. Assim, a leitura que se faz aqui do romance parte do pressuposto de que na impossibilidade de materializar o trauma por meio de palavras ou não sendo possível compreender a razão dos acontecimentos, há uma transferência do recalcado para o corpo, para os sentimentos, para as ações das personagens como manifestação da memória corporal. Nesse sentido, apresenta-se os episódios traumáticos do acidente de avião de Guilherme e o desaparecimento e tortura de Filkelstone, o psiquiatra louco, com o propósito de, mediante análise e interpretação dos relatos dessas personagens, identificar de que modo a memória traumática é representada nessa narrativa como testemunho da dor e da violência que silencia e anula os corpos em tempos de opressão. Partindo, então, desse escopo, o texto busca contribuições nos pressupostos de Freud (1930), Ricoeur (2007), Seligmann-Silva (2008), Ferenczi (2011) e outros.

PALAVRAS-CHAVE: Memória traumática; Identidade; Testemunho; Ditadura; Bernardo Carvalho.



The tortured body and the survivor's trauma in Bernardo Carvalho's *Os bêbados e os sonâmbulos*

ABSTRACT

This text proposes a reflection on the constitution of the characters in the novel *Os bêbados e os sonâmbulos*, by Bernardo Carvalho, with regard to the relationship between the context of the military dictatorship in Brazil and the traumatic events that involve this socio-historical scenario and the experiences of the subjects represented in fiction. Thus, the reading of the novel here is based on the assumption that when it is impossible to materialize the trauma through words or when it is not possible to understand the reason for the events, there is a transfer of the repressed to the body, to the feelings, to the actions of the characters as a manifestation of bodily memory. In this sense, the traumatic episodes of Guilherme's plane crash and the disappearance and torture of Filkelstone, the mad psychiatrist, are presented with the purpose of identifying, through analysis and interpretation of the accounts of these characters, how traumatic memory is represented in this narrative as a testimony of the pain and violence that silences and nullifies bodies in times of oppression. Based on this scope, the text seeks contributions from the assumptions of Freud (1930), Ricoeur (2007), Seligmann-Silva (2008), Ferenczi (2011) and others.

KEYWORDS: Traumatic memory; Identity; Testimony; Dictatorship; Bernardo Carvalho.

1. Introdução

O romance *Os bêbados e os sonâmbulos*, lançado em 1996, traz em seu enredo a representação ficcional da ditadura militar instaurada no Brasil a partir de 1964. Nessa narrativa de Bernardo Carvalho, por meio de memórias conturbadas, um ex-militar homossexual conta em primeira pessoa a trajetória investigativa iniciada por ele para encontrar pistas que o levem à reconstrução de sua identidade, perdida em consequência de um tumor no cérebro. O narrador-personagem, Guilherme, narra a condição de sua mãe enferma, os passos por ele percorridos para encontrar uma testemunha do acidente que sofrera quando criança, a iminente perda da memória, a necessidade de retomar conexões com pessoas com as quais se relacionou no passado e sua candidatura a aspirante militar em um momento conturbado do país.

Em meio a tais circunstâncias, o protagonista se vê envolvido em situações de difícil compreensão, mistérios sobre seu passado sem respostas claras, acesso a informações repletas de lacunas, o esquecimento torturante e o embaralhamento de identidades que o impede de se reconhecer e de reconhecer os sujeitos que atravessam seu caminho. Inclusive, esse embaralhamento de identidades concede um caráter espiral ao enredo e traz em seu cerne os dilemas do narrador-personagem, tendo ele sua vida marcada pelos acontecimentos passados de outros sujeitos, como o repatriamento sanitário de um psiquiatra brasileiro, desaparecido na década de 1970, que reaparece louco numa pequena cidade do Chile.

Os relatos e a investigação do passado das personagens apresentam-se como testemunho, que se torna possível somente com o trabalho de rememoração, da busca pelos rastros constituintes das identidades perdidas e atravessadas pelo horror. Nesse romance, embora o movimento de (re)construção identitária das personagens pareça distanciá-las dos acontecimentos, física ou psicologicamente — elas passam pela loucura, sucumbem-se ao esquecimento, à autocondena-



ção, são coniventes à obediência cega, à censura e ao silenciamento —, tais vivências, na verdade, são necessárias para que as personagens sejam capazes de lembrar e, sobretudo, testemunhar, manter viva a memória das dores sofridas pelos indivíduos permeados pelo trauma em tempos de opressão.

É a memória do trauma, é o indizível que pulsa na tentativa de se fazer dito, materializado por meio do testemunho. Para Seligmann-Silva, em “Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas” (2008), a “memória da barbárie tem, portanto, também este momento iluminista: preservar contra o negacionismo, como que em uma admoestação, as imagens de sangue do passado” (Seligmann-Silva, 2008, p. 75). É o que ocorre em *Os bêbados e os sonâmbulos*. Isto é, por meio da memória das personagens são reativadas lembranças essenciais para o entendimento de como as engrenagens do poder funcionam e operam sobre os corpos dos indivíduos torturados e alienados durante a ditadura militar no Brasil.

Em todo caso, é importante destacar que o termo “admoestação” mencionado por Seligmann-Silva (2008) acompanha o ato de testemunhar, pois este se articula, conforme propõe Ricoeur (2007), ao dever de memória — o compromisso de lembrar e narrar para resistir ao esquecimento. Em outras palavras, a partir dos conflitos bélicos europeus, a partir do século XX, emerge um sentimento de justiça no soldado ferido, no judeu carregado de traumas, no sobrevivente assombrado pelas lembranças. Cada um deles possui em seu cerne a necessidade de narrar, pois, embora conscientes de sua impossibilidade, ainda depositam em seus relatos a esperança daquela justiça negada aos mortos, às vítimas desaparecidas e apagadas pela história, esquecidas em meio aos abusos da memória resultante do culto ao discurso de poder.

É possível perceber, assim, que o dever da memória está entrelaçado a uma necessidade de justiça e toma forma nos sujeitos humanos como um dever de não esquecer, de manter vivo o passado, a lembrança daqueles que não podem mais dizer por si a violência sofrida, daqueles que pereceram sob a barbárie. De tal modo, Ricoeur explica que, diante do caráter imperativo do dever da memória, prevalece “o duplo aspecto do dever, como que se impondo de fora ao desejo e exercendo uma coerção sentida subjetivamente como obrigação” (Ricoeur, 2007, p. 101). A necessidade de justiça, então, se divide em duas linhas tênues, que por vezes se confundem: a primeira está no dever imperativo de narrar, sentido como uma necessidade; e a segunda, na impossibilidade de fazê-lo.

Sob tal perspectiva, é possível afirmar que testemunhar significa reativizar os sujeitos, pois eles não desejam dizer, porém sentem a obrigação de fazê-lo, apesar de as pessoas não estarem aptas a ouvir. As personagens aqui analisadas, por exemplo, não querem ouvir, falar ou pensar sobre o ocorrido, reviver os acontecimentos que atravessaram suas vidas, então se esquivam. No entanto, diante da negação, seus corpos revelam a experiência da dor. Neles ainda estão vivas as marcas da violência, da opressão e do controle. Na impossibilidade de narrar, seus corpos dizem; neles está impressa a dor do trauma que precisa ser transmitida e testemunhada, pois não há palavras que possam traduzir a experiência da dor. Isto é, “o trauma é a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalcados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito” (Gagnebin, 2009, p. 110, grifo da autora).



Nesse sentido que se direciona o trabalho de rememoração e sua relação com o trauma. Embora a lembrança não seja passível de verbalização, ela pode se materializar de modos distintos. Como aponta Ferenczi (1990) em *Diário Clínico*, quando o autor discute a ambivalência das lembranças, explica que elas podem ocorrer sob duas direções: uma subjetivamente narcísica, ligada às sensações corporais; e outra objetiva, atrelada às sensações projetadas ou despertadas pelo meio externo. Dessa forma, de acordo com as observações ferenczianas as lembranças resultariam de marcas psíquicas que permanecendo no corpo elas se “encenariam”, presentificar-se-iam a partir da ação, constituindo uma memória de marcas, denominada como memória corporal. Memória imutável que irrompe fora do tempo da narrativa e apresenta uma forma de conservação das vivências mais dolorosas e catastróficas, as quais o sujeito não consegue “esquecer”.

O testemunho do trauma, a partir de então, ocorre de modo intrínseco traduzido nos impulsos e nos comportamentos obsessivos de cada personagem. Em *Os bêbados e os sonâmbulos*, Guilherme e o psiquiatra louco perseguem e, ao mesmo tempo, fogem da loucura, esquecem e buscam rastros de seu passado, que, incompreendido pelas personagens, é projetado nas identidades embaralhadas, pelo primeiro, e no silêncio do segundo.

2. Compulsão e nostalgia: o mal de arquivo em *Os bêbados e os sonâmbulos*

A memória, nesse romance, é construída por meio dos rastros, de testemunhos, sobretudo, pelos esquecimentos. Esses últimos promovem os deslocamentos das personagens, ora como testemunhas, ora como vítimas¹. Os testemunhos são pequenas partículas de eventos com proporções maiores, são rastros de memórias traumatizadas, marcadas pela perda, pela dor e pela iminência da morte:

Quando nos acidentes há uma testemunha, alguém que estava passando pelo local por uma coincidência ou que vivia no local e foi surpreendido pelo acidente, essa pessoa tem uma função e seu testemunho não serve apenas para fins legais ou jornalísticos, mas para alguma outra coisa que eu nunca soube bem o quê, e foi ainda no meio desse raciocínio confuso e inacabado que decidi procurar a mulher que tinha sido entrevistada pelos jornais da época (Carvalho, 1996, p. 11, grifos nossos).

Ao final da narrativa as identidades, embora expostas, continuam embaralhadas, e a história das personagens que se entrelaçam em meio a história sociopolítica da ditadura no Brasil e suas consequências apontam para um movimento cíclico. Isto é, repetidas vezes eles desejam, ao

¹ Por exemplo, quando Guilherme viaja para os EUA para entregar a carta a Elena, figura como testemunha. Por outro lado, quando procura pelo Rio de Janeiro a mulher que presenciara o acidente aéreo, ele é vítima de um evento esquecido. Outro exemplo é o do jovem norte-americano que esquece de sua posição social, como filho de empresário e diplomata, e interessa-se pelo movimento de resistência. Com a hipótese de ser ele um opositor, o poder militar o captura — vítima — e o leva para o Chile. No ambiente de tortura, ele mata o psiquiatra — testemunha da violência — e toma seu lugar, vagando por cidades chilenas para não colocar Elena em perigo, que por sua vez, se autoexila nos EUA — vítima — mas, antes, sobrevive a um acidente aéreo e salva uma criança — testemunha ocular.

longo do enredo, “lembrar para esquecer” (Gagnebin, 2009, p. 47). A partir disso, a investigação de Guilherme, mais do que uma busca pessoal, inscreve-se na cena maior daquilo que Jacques Derrida (2001) chamou de mal de arquivo: o impulso compulsivo de registrar e reviver o que, justamente, resiste ao registro.

Derrida (2001) descreve o “mal de arquivo” como uma força paradoxal que move o ser humano em direção ao desejo incessante de guardar, registrar e retornar às origens, mesmo quando se reconhece a impossibilidade plena de fazê-lo. Trata-se de uma batalha pela afirmação da vida e da palavra, travada no limite entre o existir e o desaparecer, entre lembrar e esquecer. O arquivo, nesse sentido, não é apenas um lugar de conservação, mas um espaço de tensão e ambivalência: nele coexistem vida e morte, presença e ausência, memória e apagamento. O “mal de arquivo” é essa paixão ardente e inquieta, uma febre que impede o sossego e impulsiona a busca contínua pelo que se perdeu ou pelo que talvez nunca tenha existido plenamente.

É um movimento compulsivo e nostálgico, marcado pelo desejo de retorno a uma origem idealizada, uma casa, um começo absoluto, o acidente, que, no entanto, nunca se deixa alcançar. Assim, o “mal de arquivo” é tanto o motor quanto a ferida da memória: ele nasce da impossibilidade de fixar o passado e da necessidade vital de continuar tentando fazê-lo. Em *Os bêbados e os sonâmbulos*, por sua vez, o mal de arquivo é:

[...] arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo [testemunhas] onde ele se esconde. É correr atrás dele ali onde, mesmo se há bastante, alguma coisa nele se anarquiza. É dirigir-se a ele com um desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia do retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto. Nenhum desejo, nenhuma paixão, nenhuma pulsão, nenhuma compulsão, nem compulsão de repetição, nenhum “mal de”, nenhuma febre, surgirá para aquele que, de um modo ou outro, não está já com mal de arquivo (Derrida, 2001, p. 118-119).

A ficção de Carvalho dá forma a essa patologia do arquivo (Derrida, 2001), pois o narrador não busca apenas reconstituir o passado, mas também compreender as ruínas da memória coletiva que emergem no corpo e na voz das testemunhas. Como observa Karl Erik Schøllhammer (2011, p. 125), “Carvalho usa livremente fatos incisivamente referenciais na estrutura da ficção [para] amarrar a ficção a uma outra noção do real, um real inevitável, percebido em seu nível trágico, talvez como força de um destino irremediável”, em que o testemunho e o real se misturam à criação artística, produzindo uma tensão entre a experiência histórica e a liberdade ficcional. Nesse sentido, *Os bêbados e os sonâmbulos* dramatiza o conflito entre lembrar e esquecer, entre testemunhar e silenciar, configurando a literatura como um espaço arquivar, onde as marcas do trauma e da repressão retornam sob forma estética.

Ao mesmo tempo, essa dinâmica se articula a um movimento mais amplo da obra de Bernardo Carvalho, em que a pergunta “Quem sou eu e de onde venho?” ecoa em diferentes romances — de *As iniciais* (1999) a *Os substitutos* (2023). Em cada um deles, o autor explora a divisão do sujeito e a multiplicidade identitária como respostas literárias à fragmentação histórica e moral do país. Claudete Daflon (2013), em *Espiraís: a escrita de Bernardo Carvalho*, observa que a escrita do autor se organiza em torno da incompletude e do desdobramento do eu, que se cons-



trói “por fragmentos” e “no jogo de espelhamentos e duplos” que sustentam sua narrativa. Esse processo, que remete ao trauma e à impossibilidade de narrar integralmente o passado, reforça o caráter metaficcional, sobretudo o jogo ficcional e testemunhal da obra. A partir da análise da ficção de Carvalho, segundo Daflon:

[...] pode-se refletir como a ficcionalização participa dessa construção e aponta para a complexidade da leitura de um texto construído sobre o outro, uma vez que essas camadas de histórias estão dadas em experiências de escrita que tencionam as fronteiras entre ficção e realidade. [...] Desse modo, a escrita põe em cena o embate da subjetividade que se constrói por fragmentos. A sua parcialidade vem diretamente associada à ausência de explicações, às muitas frestas que se acumulam na percepção de si mesmo e do mundo. Precisamente essa incompletude está no jogo da criação ficcional (Daflon, 2013, p. 43).

Os relatos e a investigação do passado das personagens apresentam-se, portanto, como testemunhos da dor e da violência e como sintomas de um arquivo corrompido. A lembrança traumática, incapaz de se organizar em discurso linear, retorna por meio do corpo, da loucura e do delírio, instaurando o mal de arquivo como força narrativa. Assim, o romance em análise inscreve a literatura no campo ético da memória, revelando o modo como a ficção pode funcionar, simultaneamente, como um gesto de conservação e de falha na tentativa de dizer o indizível e de fixar o que, por natureza, escapa. É a partir dessa perspectiva, que articula memória, corpo e arquivo, que se desenvolve a análise proposta neste artigo, examinando como o trauma e a culpa atravessam as personagens de *Os bêbados e os sonâmbulos* e como, nelas, a violência histórica da ditadura brasileira se converte em memória corporal e testemunho literário.

3. Testemunho e culpa: a memória traumática e a ditadura

Em *Os bêbados e os sonâmbulos*, a memória traumática da personagem Guilherme, antes recalcada, é evidenciada a partir da descoberta do tumor e da progressiva ameaça da perda de sua identidade. Ao saber que o tumor não poderia ser operado, segundo o neurologista, pois causaria estragos ainda maiores do que os apresentados naquele estágio da enfermidade, o protagonista decide procurar a testemunha do acidente de avião, como também tornar-se aspirante militar para estar mais perto de Jorge, seu amor e amigo de infância. Tais medidas têm por finalidade a conservação da memória, cuja natureza corre o risco de entrar em colapso, logo que o processo de formação de outra identidade começa a realizar-se.

É no presente, motivado pelo medo da perda identitária e pelos espaços que Guilherme escolhe adentrar, que o passado esquecido começa a ser evocado pela personagem. Em outras palavras, a memória traumática, nesse caso, é despertada pelo presente (Freud, 1930), pela atual condição da personagem, sendo o tumor e a iminente perda da identidade os elementos disparadores que sobrepõem o eu de Guilherme e despertam a compulsão pela busca de seu passado, manifestando em seu corpo enfermo a memória reprimida. Durante o processo de busca pelo passado, o curso da narrativa vai delineando as manifestações compulsivas das experiências traumáticas vivenciadas por Guilherme em sua infância, refletidas na incompreensão dos pro-

cessos sociopolíticos da ditadura. A compulsão de Guilherme e de outras personagens de *Os bêbados e os sonâmbulos* por investigar o passado, embora abrupta e excessiva, expressa uma forma de o psiquismo tentar inscrever essas marcas num sistema de representações simbólicas a fim de lhes dar um sentido.

Com o “raciocínio confuso e inacabado” (Carvalho, 1996, p. 12), Guilherme, nas primeiras páginas do romance, demonstra a incompreensão dos fatos, condição que se estende ao longo da narrativa. Por exemplo, o protagonista não reconhece Bob, antigo amor de sua mãe, com o qual teve contato na infância. É na infância, também, que ele começa a viver a culpa por sobreviver ao acidente, por não entender o ocorrido e, por isso, sente-se perseguido e até ouve os loucos do Hospício Pinel chamá-lo:

Vi que um deles também olhava fixo para mim. Comecei a vomitar logo depois de ele gritar o meu nome. Ouvi muito bem: Guilherme! [...]. Ninguém mais ouviu, porque os ônibus entravam a toda pela curva [...] e ninguém ouvia nada. Os loucos chamavam (Carvalho, 1996, p. 22).

Apesar de ninguém ser capaz de ouvir o chamamento dos loucos pelo nome de Guilherme, o trauma inscrito, mas recalcado em sua memória, ganha contornos de fantasia na cena acima descrita. Isso porque o sentimento de culpa e a falta de sentido de tal sentimento são transferidos para uma situação concreta. Dito de outro modo, incapaz de conceber os acontecimentos sob a luz do pensamento lúcido, as incertezas — “passei a vida com várias dúvidas martelando a minha cabeça [...], sempre que ouvia a história do avião que me irritava” (Carvalho, 1996, p. 14) — levam Guilherme a temer e a enxergar na loucura o convite à explicação do inexplicável, à busca de sentido da desrazão, paradoxos interiorizados e vividos pela vítima. No entanto, diante das incertezas ele toma para si o papel de algoz de sua história e lamenta: “não é nada fácil. Sobrebrei eu” (Carvalho, 1996, p. 21).

É para o corpo dessa personagem que a memória traumática é transmitida, resposta aos eventos violentos inesperados ou arrebatadores que não foram inteiramente compreendidos quando aconteceram, mas que retornaram em flashbacks, confusão psíquica e outras compulsões. De acordo com o narrador-personagem, desde o terceiro aniversário, quando a mãe “trancava-se no quarto, soluçando” (Carvalho, 1996, p. 20), ele entristecido refletia: “todos cantam parabéns. Parabéns por ter nascido? Demoraram para entender que aquilo (toda aquela indignação de estar ali, entre eles, que já estava registrada nas fotografias nos jornais: a criança que berrava) ia durar” (Carvalho, 1996, p. 20). Guilherme era a criança estampada nos jornais que berrava pós-acidente, continuava berrando a cada aniversário e depois como adulto berrava no hospital (Carvalho, 1996, p. 12), indicações de que seu choro seria, talvez, a indignação, o ensurdecido ruído do trauma, a dor por ter sobrevivido manifestando-se como memória corporal.

Anos depois, mais velho, porém ainda criança, o vômito e a confusão psíquica ao passar pelo Hospício Pinel demonstram que a indignação do sobrevivente durava. Ele ainda não é capaz de dar sentido àquele sentimento e nem entendia sua atração pela loucura. No entanto, decide tornar-se psiquiatra, talvez para ser o médico que lida com a desrazão, ou talvez, encontrar na medicina a explicação que precisava. Desiste da psiquiatria, pois não encontra as respostas que

buscava e por seu medo dos cadáveres — o protagonista repete e reafirma seu medo dos cadáveres diversas vezes. Posteriormente, ele decide procurar a testemunha do acidente: “queria tanto saber [...] sem entender bem a razão, [...] a testemunha do acidente talvez pudesse me dar uma explicação, uma pista” (Carvalho, 1996, p. 15).

O corpo enfermo de Guilherme funcionaria como a metáfora do aniquilamento de si, da culpa pela existência. A perda da memória devido ao tumor e o esquecimento do que ele é ou fora, como trauma recalado, parecem ser um meio de expurgo para o personagem, pois, ao se tornar outro, ele deixaria de ser aquele que sobreviveu ao acidente enquanto irmão e pai foram mortos naquela ocasião. Movido por esse desejo de transformação, há um momento na narrativa em que ele se transfere para Jorge, seu grande amor do passado.

Guilherme afirma: “transformei-o na imagem do que eu tinha sido, fora de mim, para me preservar nele”. No entanto, Jorge também se constituía como um corpo reprimido, diante do preconceito e da censura próprios do contexto opressor da ditadura. Sob a ideologia intensamente disseminada naquele período em que o homossexual não é tido como parte da sociedade, ao incorporar-se a Jorge, Guilherme percebe que ele também fora impelido a torna-se outro, pois o narrador-personagem: “soube que [ele] decidira entrar para escolas de cadetes porque não tinha chances. Ia ser militar” (Carvalho, 1996, p. 23). Em outras palavras, Jorge não tinha chance, não tinha uma existência livre e, então, reprime o eu para se proteger, silencia-se e une-se aos articuladores da atmosfera de terror e domínio da ditadura militar, levando o narrador-personagem, após alguns anos, ao mesmo caminho.

De acordo com os estudos de Ferenczi, o trauma silenciado e recalado encontra na transferência uma forma de expressão, funcionando como um prolongamento do processo de reordenação da memória traumática diante da ausência total de palavras. O silêncio, nesse caso, poderia ser considerado como resistência, aproximando-se de um mecanismo de proteção narcísica. Daí surge o conceito de introjeção, formulado por Ferenczi em 1912, ressaltando o amor objetual como um produto da introjeção do eu, os objetos passam a existir somente a partir do investimento do eu. Em artigos compilados na coletânea *Obras completas: psicanálise* (2011), o psicanalista húngaro explica que a introjeção é um processo que cria, ao mesmo tempo, o eu e o objeto e é um processo inerente às relações, isto é, “o homem só pode amar-se a si mesmo e a mais ninguém; amar a outrem equivale a integrar esse outrem no seu próprio ego. É na união entre os objetos amados e nós mesmos, essa fusão desses objetos com o nosso ego, que designamos por introjeção” (Ferenczi, 2011, p. 209).

Teresa Pinheiro, em *Ferenczi: do grito a palavra* (1995, p. 45), ressalta que, para o autor, “unicamente através da introjeção é que um sentido torna-se passível de ser apropriado [...] é a introjeção que, pela inclusão do objeto, começa a povoar de representações o aparato psíquico”. Tal processo pode ser feito tanto de forma imaginária, com representações e significações, quanto através do corpo, e é o corpo, conforme destaca Ferenczi, que oferece as vias pelas quais os objetos vão sendo encontrados e incluídos dentro da esfera do eu. A partir desse aspecto, é importante ressaltar que os processos de simbolização não se restringem à linguagem ou à capacidade de representar, mas se estendem à possibilidade de estabelecer semelhanças no plano da sensorialidade.

Embora Ferenczi descreva o processo de introjeção como um fator do desenvolvimento infantil e alargamento do eu, o psicanalista, a partir do conceito de introjeção, esboça uma compreensão meta-psicológica da constituição psíquica como algo originário de uma contínua integração com o mundo. Perspectiva que ressalta a *transferência* como um processo introjetivo e criador que não se limita à atualização de memórias infantis recalcadas, mas, sobretudo, expõe a constituição da memória corporal. Diante da incompreensão dos eventos acarretadores do trauma pelo sujeito, em seu caráter desestruturante (Ferenczi, 2011), este tipo de trauma vem perturbar e reforçar os operadores psíquicos mais precoces, tais como a introjeção e a projeção, devido à falta de representação, de figuração e de simbolização que geram. Incapaz de materializar a dor do trauma com palavras, o indizível retorna através dos atos e do corpo por meio dos fenômenos histéricos, das materializações corporais e das somatizações.

Como pode ser visto, esses fenômenos corporais, elementos da transferência da memória traumática, são percebidos em Guilherme, no romance em discussão. Sem respostas para questionamentos geralmente inaudíveis, sem compreender a experiência traumática, a personagem desenvolve a compulsão pela busca de significados; vê-se inquieto diante do quadro d'*Os banhistas ao sol*, na casa da testemunha: “o quadro me incomodava também [...] puxava para dentro. Obrigava o espectador a querer viver num outro tempo, que nunca era o dele, eu achei” (Carvalho, 1996, p. 21); ele deseja ser outro, viver em outro tempo; assombrado por uma constante desconfiança, tem medo dos loucos, e seu corpo reage a essa repulsa com o vômito; sente culpa por ter sobrevivido ao acidente e escolhe se tornar aspirante militar naquele contexto, contra tudo o que ele era (Carvalho, 1996, p. 23) para estar ao lado de Jorge. Todos esses elementos, por sua vez, podem ser vistos como traços da memória corporal do trauma ao qual Guilherme fora submetido. Assim, o reprimido e o recalcado emergem por meio dessas ações como movimentos impelidos pela subjetividade do protagonista, aquilo que ele guarda profundamente, mas insiste em permanecer na superfície, em seu corpo e pensamento.

Além desses aspectos, dos movimentos, por sinal, ainda insuficientes para a construção do sentido necessário ao entendimento da identidade e das somatizações memoriais que perturbam o protagonista, a subjetividade do narrador-personagem se coloca em processo de reflexão sobre o presente e a relação entre o contexto, o eu e suas memórias por meio do mergulho numa outra subjetividade, com a qual o narrador estabelece um jogo. Mais uma vez ocorre a transferência, a introjeção de uma outra identidade que vai se incorporando ao protagonista. O psiquiatra louco torna-se expressão de um eu em ruínas, sem referências identitárias e marcado por grande confusão mental resultante de um corpo torturado.

“Por que um militar?” (Carvalho, 1996, p. 25), por que um aspirante deveria ser designado ao repatriamento de um paciente psicossomático, o psiquiatra louco? Questionamentos não esclarecidos, mas que levam Guilherme a deixar em segundo plano, pelo menos enquanto estava naquela missão, a busca de sentido das experiências traumáticas que vivera, preocupando-se em dar sentido àquela situação, o repatriamento, carregada de silêncios e temores. A partir de sua designação para o repatriamento, Guilherme mais uma vez transfere a inquietude do trauma, as dúvidas e as paranoias que o envolviam, para o caso do psiquiatra louco. É na loucura e no



trauma que as subjetividades se embaralham e ambas as personagens se identificam pela culpa de terem sobrevivido. Guilherme, então, diz:

Por um instante, senti todo meu corpo relaxar diante da constatação de que, de fato, aquele homem não estava em pleno domínio de suas faculdades mentais [...] mas foi só por um instante, porque em seguida as cartas voltaram a se embaralhar e fui novamente capturado pelo que ele tinha a me dizer, até a surpresa final, para mim pelo menos, por me incluir de certa maneira naquele delírio, tornando-me personagem virtual [...] senti que eu estava me afundando na minha confusão, que ele estava me enredando naquela loucura (Carvalho, 1996, p. 58-59).

Duas subjetividades que se relacionam devido aos traumas da ditadura, as memórias de testemunhas que sobreviveram, a loucura e a iminência da morte: Guilherme devido ao tumor e o psiquiatra como represália do poder militar, como é relatado pela personagem no trecho “acordei nas mãos deles [...] vão me matar” (Carvalho, 1996, p. 111). Eles, então, rompem com o silêncio e, por meio da identificação entre os dois indivíduos supostamente desconhecidos, vão surgindo na narrativa pistas que auxiliam o leitor a encaixar as peças do complexo quebra-cabeça desenhado pelo narrador-personagem nesse romance.

Além disso, a confusão gerada pelas identidades perdidas, ou melhor, exatamente a perda dessas identidades é uma forma de materialização do trauma no corpo do sujeito. Diante da incapacidade de suportar a dor causada, além das compulsões, ocorre a clivagem do eu, isto é, o indivíduo deixa uma parte de si, aquela que o faz reviver a experiência traumática sem sentido concebível, e a “corta” de si. Ferenczi compara a clivagem do eu com a autotomia, um termo das ciências biológicas que se refere à automutilação de uma parte do corpo de alguns animais. De modo mais claro, a autotomia é um comportamento essencialmente defensivo desempenhado por um animal que se expressa na capacidade de se desvencilhar ou se separar de partes do próprio corpo “que estiveram submetidos a uma irritação excessivamente intensa ou que, de algum modo, o façam sofrer” (Ferenczi, 2011, p. 334). Assim, a culpa por existir e o trauma por ter sobrevivido à catástrofe configuram-se como os motivos que levam tanto Guilherme quanto o psiquiatra a sofrer. Essas experiências impulsionam tais personagens a romperem com suas respectivas identidades, a “cortar” o eu, perderem-se a si mesmos. Tal mecanismo funcionaria, assim, como um processo de autodefesa da memória corporal causada pelo trauma.

A culpa que perturbava o psiquiatra estava inteiramente ligada aos eventos da ditadura militar no Brasil. Além da confusão mental e da troca de identidades com o torturador, ele traz em seu corpo as marcas da experiência traumática. Após manter-se em inteiro silêncio durante o percurso do repatriamento (Carvalho, 1996, p. 50) e concentrar-se na contemplação de sua própria loucura manifestada através da paisagem geográfica (Carvalho, 1996, p. 47), o psiquiatra começa seu relato como se ele fosse o agressor, o agente do poder, responsável pelos interrogatórios e torturas. Ele quebra o silêncio, porém sob a perspectiva do algoz, de modo que as experiências narradas vão dando pistas de que “ele tomou a identidade de um outro” (Carvalho, 1996, p. 110). O psiquiatra busca, ao romper com o silêncio, alguma justificativa para a violência e crueldade que testemunhara, sofrera e cometeu: “matei um homem [...] muita gente morreu. Mas é diferente. Eu nunca tinha matado um homem” (Carvalho, 1996, p. 56). E continua:

No começo [...] achava que estava ali para colocar limites, mas forjado pelo deles, eu era a lei, [...] a nova lei que era criada ali dentro, numa realidade totalmente extrema. Mesmo a barbárie tem suas regras e achei que eu era o representante delas [...]. Queriam que eu pensasse assim. E era fácil. Todo mundo pensava assim no começo. Depois a confusão vai se desfazendo, e talvez você até tenha um minuto de consciência, um lapso, mas aí já é tarde, você está dentro, não dá mais para sair. E quando percebe, quando quer sair, é porque já matou (Carvalho, 1996, p. 59).

O psiquiatra sentia-se aterrorizado por ter matado aquele homem e declara: “carreguei aquela consciência por nove anos praticamente. Todo mundo enlouquece para poder viver” (Carvalho, 1996, p. 56). Quando ele sai do estado de letargia, confessa sua culpa, autojustifica-se e simula em seus relatos o possível funcionamento da mente do agressor, expondo a sequência de possíveis eventos que poderiam dar sentido à experiência da tortura vivida. Dentro do processo de busca para a construção de sentido do trauma, a falta de razão para explicar por que alguém estaria disposto a torturar um outro martela nos pensamentos do psiquiatra, ele se questiona: “O que você ganha fazendo esse trabalho? [...] Nunca entendi o que pode levar uma pessoa àquilo” (Carvalho, 1996, p. 56-57) e assim, imagina, cria possíveis justificativas, sob o olhar do verdadeiro psiquiatra, o agente da tortura.

Entende-se que tal processo configura um mecanismo de suporte para manter a introjeção, nesse caso, a vítima se identifica como o agressor e coloca-se no lugar de culpado pela agressão, já que não é capaz de constituir sentido para o ocorrido, causando insegurança e a impossibilidade de, por meio das palavras, tornar a experiência crível. Certo de que não encontrará alguém que irá escutá-lo, acreditar nele, compreendê-lo e ajudá-lo a entender o que aconteceu, diante do desmentido — por exemplo, Guilherme duvida e se questiona sobre a lucidez da outra personagem, nomeando seus relatos como delírios (Carvalho, 1996, p. 59). Diante da desautorização do seu relato, fator essencialmente traumático, a consequência é a identificação com o agressor, “a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento [...] é isso o que torna o traumatismo patogênico” (Ferenczi, 2011, p. 92).

Em outras palavras, para a teoria do trauma de Ferenczi, o impacto do desmentido torna o sujeito confuso e leva-o a incorporar em si próprio o sentimento de culpa do agressor, tornando-se clivado: culpado e inocente ao mesmo tempo. Isso porque, diante do sentimento de abandono, de solidão, parece mais seguro aceitar (no sentido de incorporar) o sentimento de culpa do agressor do que abrir mão do objeto de introjeção. Esse momento, no entanto, equivaleria ao risco de aniquilamento, de despedaçamento psíquico representando tanto a morte física quanto psíquica.

Por nove anos, o psiquiatra abre mão do objeto de introjeção, ou seja, ele mesmo, e assume outra identidade, cliva-se, afunda-se na loucura e provoca a morte do seu eu, tentando sobreviver com o trauma. Mas, ao “acordar nas mãos dos inimigos” (Carvalho, 1996, p. 111), ainda dominando pelo silêncio do desmentido, se identifica com Guilherme: “suponho que [ele] seja o único aqui de boa fé” (Carvalho, 1996, p. 55), e inicia o relato que se configura, sobretudo, como um processo de reflexão e busca de sentido.

As marcas físicas ainda são notadas naquele corpo, como destaca o narrador-personagem: “notei as cicatrizes na têmpora esquerda e do lado do nariz” (Carvalho, 1996, p. 57). Resquílios



de pavor e medo, essas marcas dizem no lugar das palavras que não são possíveis de serem ditas. A partir da descrição dessas cicatrizes desencadeiam-se reflexões sobre os motivos de a vítima da tortura, ou seja, ele mesmo, o jovem Filkelstone, “colocar-se” naquela situação. À época do sequestro pelos agentes do governo, não havia nenhuma evidência que pudesse apontá-lo como um subversivo, pois Filkelstone era apenas um simpatizante, alguém que dera dinheiro a um grupo por dois anos. Ele justifica, ainda, que fazia isso apenas porque “dava-lhe um pouco de emoção” (Carvalho, 1996, p. 61), mas nada sabia ao certo sobre o movimento, principalmente, ele desconhecia completamente os motivos para o sequestro e a tortura a que fora submetido. Filkelstone é preso, torturado, e permaneceu desaparecido por cinco anos nas mãos das autoridades brasileiras (Carvalho, 1996, p. 108). Localizado, ele rompe com o silêncio, confia em Guilherme e narra para o protagonista a cena da tortura:

Quando cheguei ele estava sozinho no cubículo frio e escuro. Conversei com ele. Disse que era melhor falar logo tudo, melhor para ele e para mim. Mas não abriu a boca. Por isso, resolveram começar as sessões naquela mesma noite. [...] ele não falava desde que tinha chegado. [...] ainda que tenha falado do advogado [...] exigia um advogado, até alguém rir e lhe dar um murro na cara. Quando cheguei parece que estava com a cara arrebatada [...]. Não é que estivesse imbuído de uma coragem heroica ou de brios de consciência [...] estava apavorado. Não falava, simplesmente porque não tinha o que dizer (Carvalho, 1996, p. 60).

Apavorado, Filkelstone enlouquece e tira a vida do verdadeiro psiquiatra e assim, embora sendo vítima, identifica-se como o opressor, perde sua identidade e carrega consigo a culpa daquele que sobreviveu, pois, para isso, precisou matar. Guilherme e o psiquiatra compartilham, além do sentimento de culpa, o conflito emocional gerado pelas histórias obscuras de seus pais. O primeiro vivia sob a dúvida da verdadeira finalidade ou razão do acidente de avião, especulando se o pai causara tudo por ciúmes, numa tentativa de matar ao descobrir que seu irmão era filho de Bob: “era a história oficial que eu ouvi. [...] ouvi minha mãe, na loucura, [...] insinuar que aquele não tinha sido um acidente, mas um suicídio e um assassinato (Carvalho, 1996, p. 20, grifos nossos). Enquanto o segundo se interessa pelo movimento contra a ditadura como meio de afrontar seu pai: ele teria “agido contra o pai, em represália ao pai? [...] estava mesmo em contradição com o que fazia, com seu papel, com os negócios de papel da família” (Carvalho, 1996, p. 61). Seu pai inclusive, após seu desaparecimento, tenta convencer Elena, esposa de Filkelstone, de que aquilo era passado e aconselha que ela deveria seguir sua vida e esquecê-lo: “você nunca o conheceu, ele nunca existiu. Eu também estou tentando, ele não vai voltar. Todos nós sabemos o que aconteceu” (Carvalho, 1996, p. 105).

Isso quer dizer, segundo Freud traz no texto “O Mal-estar na Civilização” (1930), que as experiências constitutivas do sujeito não perecem, pois elas são de alguma maneira preservadas. Os traumas desencadeados por experiências negativas com os pais dessas duas personagens, Guilherme e o psiquiatra, impossíveis de serem compreendidos, são elaborados sempre em forma de questionamentos sem respostas, compelindo seus corpos ao anulamento, suas vozes aos silêncios e suas escolhas à impulsos desmedidos. Nesse processo, segundo Freud, pode ocorrer que a realidade imponha, por exemplo, determinadas condições aos indivíduos contrárias ao

propósito de felicidade intrínseca ao homem, conferindo a sensação de que a vida é “árdua demais para nós” (Freud, 1930, p. 93).

Tal sentimento, por sua vez, produzindo sofrimento, “nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, [...]; do mundo externo [...]; e de nossos relacionamentos com os outros homens” (Freud, 1930 p. 95). Freud postula que, diante da condição de desprazer, depreendem-se várias técnicas para afastar o sofrimento e consecução da busca da felicidade como alguns “derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela” (Freud, 1930, p. 93). Nesse sentido, em *Os bêbados e os sonâmbulos*, a memória traumática sucumbe-se na incessante negação do eu pelas personagens, devido ao sentimento de culpa por sobreviver ao horror, carregar as marcas da violência e testemunharem a dor.

4. Considerações finais

Observa-se, assim, que as subjetividades de ambas as personagens são constituídas por traumas que as silenciam diante das experiências passadas, mas que ainda determinam suas escolhas ou caminhos no presente. Guilherme e o psiquiatra nunca tiveram a oportunidade de obter as respostas que procuravam, elas se perderam no esquecimento como outras tantas histórias ficaram sem solução, sem explicação ou jazem juntamente com os corpos desaparecidos e ceifados, como ocorre com tais personagens, pelos crimes ou “acidentes” ocasionados pelo controle implantado naquele contexto de ódio, violência e opressão.

Assim, a catástrofe sócio-histórica da ditadura brasileira, ocultada pela história e pelo discurso tendencioso da necropolítica ao longo do anos, ignorando a tortura, as mentiras, a censura e a violência desmedida, tem na arte — no caso de *Os bêbados e os sonâmbulos* e outros registros literários — seu valor de arquivo, trazendo ao leitor verdades intencionalmente desconstruídas e ignoradas na sociedade, mas mantidas nas mentes assombradas pelo trauma e na memória corporal de diversos sujeitos, as testemunhas e as vítimas das agruras da barbárie.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Analice de Sousa Gomes: Conceitualização; Investigação; Escrita: rascunho original; Escrita: revisão e edição.

Renata Rocha Ribeiro: Conceitualização; Investigação; Escrita: rascunho original; Escrita: revisão e edição.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

REFERÊNCIAS

- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2021.
- CARVALHO, Bernardo. **Os bêbados e sonâmbulos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DAFLON, Claudete. Espirais: a escrita de Bernardo Carvalho. In: CHIARELLI, Stefania; DEALTRY, Giovanna; VIDAL, Paloma. **O futuro pelo retrovisor**: inquietudes da literatura brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- DERRIDA, JACQUES. **Mal de arquivo**. Uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- FERENCZI, Sándor. **Diário Clínico**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FERENCZI, Sándor. **Obras completas**: Psicanálise (I, II, III, IV). Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos**. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1930.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PINHEIRO, Teresa. **Ferenczi**: do grito A palavra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora: UFRJ, 1995.
- SCHÖLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.